

A CIDADE QUE ENSINA: ENSAIO SOBRE OS CORPOS URBANOS

Felipe Loureiro

Doutor em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas | Universidade de Coimbra

Resumo

A cidade que vivemos não é a mesma da de nossos pais e avós. Enquanto esses experimentaram o aprofundamento da modernidade, hoje nos deparamos com a pós-modernidade. Este artigo objetiva compreender algumas modificações da cultura urbana brasileira ao longo dos processos de transformação da cidade moderna.

A emergência do que chamamos de ordem urbana no Brasil se deu no final do século XIX. Nessa época, os “Manuais de civilidade” tiveram importante papel, apresentando normas de etiqueta e padrões adequados de sociabilidade. Tal conteúdo se consolidou no mercado editorial, mudando de formato e abordagem, mas mantendo seu viés pedagógico: focado em ensinar boas maneiras de viver na cidade. Ao longo do século XX, surgiram diversas revistas que também cumpriram essa função, como por exemplo, a publicação “Claudia”, cujo primeiro exemplar é de 1961. Entretanto, já na dita pós-modernidade, tais edições foram perdendo relevância, dando lugar a outras mídias e formatos e, em última instância, como os “*Coachs*” e seus discursos.

Reconhecendo em tais documentos e práticas a presença de um projeto pedagógico vinculado a algum ideal de sujeito, considera-se a noção de Biopolítica de Foucault. Assim como, o conceito de “Bovarismo”, trabalhado por Maria Rita Kehl, que diz sobre as possibilidades dos sujeitos se conceberem diferentemente do que são. Afinal, a afirmação da personalidade individual é parte essencial da cultura moderna. Logo, a partir do que a ordem urbana tenta ensinar, tentaremos explorar como ela tem se transformado.

Palavras-chave: cidade; sociabilidade; pedagogia.

Introdução

A cidade é mais que o lugar onde se habita, trabalha e circula. Trata-se também de um conjunto de experiências sociais e afetivas que paulatinamente atuam sobre os corpos, forjando o que compreendemos por sujeito. Nessa perspectiva, reconheço que o espaço urbano é permeado por discursos diversos que se embatem buscando ser eficazes em sua tarefa pedagógica exercida em relação aos indivíduos.

Neste artigo, pretende-se construir uma investigação que analise documentos produzidos com intenções pedagógicas visando a consolidação de uma determinada forma de viver na cidade. Desse modo, destacamos a importância dos Manuais de Civilidade, das revistas de variedades e da Metodologia Coaching enquanto discursos que agem diretamente sobre os corpos que habitam a cidade moderna. Essa, por sua vez, pode ser percebida como um constructo social que, junto ao cimento e aos tijolos, empilha paixões e expectativas. Possuindo uma grande capacidade de afetar de maneira determinante os processos de subjetivação, capaz também de imprimir seus enunciados nas pequenas narrativas individuais modernas, organizadas dentro do conceito que se entende por “personalidade”.

Buscarei nos três conjuntos documentais supracitados (manuais de civilidade, Revista Claudia e metodologia *coaching*) indícios que ajudem a compreender um certo percurso de transformações urbanas e seus impactos sobre a subjetividade no decorrer do século XX. Reconhecendo em tais tipos de discurso uma clara intenção pedagógica, que se revela em seus enunciados, explicitamente vinculados a algum projeto disciplinar e, em última instância, econômico. Nesse sentido, consideremos a noção de Biopoder desenvolvida por Michel Foucault.

Agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos e fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais privado. (Foucault, 1988:130)

Sendo assim, percebe-se que o “poder sobre a vida” se desenvolveu em duas formas principais: a primeira organizada em torno do corpo enquanto máquina, focada no seu adestramento, na ampliação das suas aptidões, na extorsão de suas forças, “no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e

econômicos” (Foucault, 1988:130). Já a segunda maneira, centrou-se no corpo-espécie, suporte de processos biológicos, tratando-se de uma regulação sobre as populações, não apenas aos indivíduos. Nesse compasso é que se espalham diversas instituições responsáveis pela gestão das populações, escolas, prisões, hospitais, realizando a tarefa da biopolítica. Dentro dessa perspectiva, pode-se inferir que o capitalismo exigiu a valorização da utilidade e docilidade desses corpos, utilizando-se largamente do dispositivo da sexualidade desde os primórdios da modernidade. Nesse sentido, P. B Preciado afirma:

La tarea misma de la acción política es fabricar un cuerpo, ponerlo a trabajar, definir sus modos de reproducción, prefigurar las modalidades del discurso a través de las que ese cuerpo se ficcionaliza hasta ser capaz de decir “yo”. (Preciado, 2020:164)

A individualização de um corpo se baseia num processo de ficcional que se desenvolve ao redor dos enunciados com os quais o sujeito interage. Dessa maneira, ocorre a construção da personalidade, uma espécie de identidade subjetiva do indivíduo que emergiu na modernidade.

A grande mudança na cultura urbana que podemos destacar antecipadamente para quem inicia essa leitura é a seguinte: enquanto na modernidade o corpo inadequado era prioritariamente o feminino, ao qual se direcionava a imensa maioria dos interditos, na vigência da pós-modernidade todos os corpos são inadequados e precisam ser qualificados.

Las democracias liberales y patriarco-coloniales Europeas del siglo XIX construyen el ideal del individuo moderno no solo como agente (masculino, blanco, heterosexual) económico libre, sino también como um cuerpo inmune, radicalmente separado, que no debe nada a la comunidad. (Preciado, 2020:166)

Considerando tal percepção do sujeito moderno, caracterizado pela não existência de uma dívida em relação à sociedade, nota-se uma sobreposição do individual sobre o social. Nesse sentido, destaca-se a afirmação de uma outra condição urbana, fundamentada no individualismo, no consumismo, no imediatismo e no utilitarismo. Desse modo, essa forma diferente de se relacionar com a cidade, marcada pela ausência de vínculos sólidos, possibilitou a emergência de novas técnicas disciplinares, decorrentes do novo processo de produção capitalista do espaço.

Ser moderno e brasileiro

A modernidade apresentou em seus manuais e romances uma parte importante de sua narrativa disciplinar, o amor romântico. Esse, inovava ao situar o amor dentro da esfera do casamento, autorizando o sexo, mas normalizando-o dentro de uma estrutura doméstica compartilhada entre marido e esposa. O matrimônio tornou-se então o espaço afetivo central da primeira modernidade. Entretanto, a normalização dessa forma determinada “amor na cidade”, que se baseava em alguns preceitos dogmáticos, por exemplo: monogamia, eternidade e privacidade, mostra-se cada vez mais incapaz de conter as paixões e interditar os sujeitos que habitam as metrópoles do terceiro milênio.

Nessa perspectiva, é interessante destacar que mesmo no apogeu da literatura romântica, responsável por revelar e difundir os enunciados citados acima, existiam práticas de resistência. Vide o clássico romance “Madame Bovary” publicado por Gustave Flaubert em 1856. Nesse livro, conta-se a história da jovem Emma, que se casa com o médico Charles Bovary.

A trajetória de Emma Bovary é marcada por uma certa paranoia, marcada por esse desejo obsessivo de ser outra pessoa, de reconfigurar sua autoimagem visando alcançar algum tipo específico de reconhecimento. Nesse sentido, pode-se observar na personagem, o protótipo do sujeito moderno, trabalhando em torno de si mesmo na busca de pela afirmação da própria personalidade. Quando Maria Rita Kehl conceitua o “Bovarismo Brasileiro” (2018), “trata-se do poder conferido ao homem de conceber-se diferente do que é.” (Kehl, 2018:21)

Dentro dessa perspectiva, o poder-dever individual de conceber a si mesmo, teria como referência prestigiosa a afirmação da própria personalidade em determinados contextos sociais, sem nunca se desvencilhar do ideal de sucesso financeiro. Contudo, essa atitude Bovarista em voga na sociedade europeia da *Belle Époque* não poderia ser reproduzida integralmente nos trópicos. As marcas da escravidão e da dependência movimentariam esse conceito. Noutra perspectiva acerca da noção de Bovarismo, Maria Rita Kehl destaca a baixa relevância da esfera pública brasileira, mantendo a Política e as grandes questões nacionais sempre restritas aos salões.

Seguindo as tendências modernas observadas em Lisboa, no final do século XIX, a vida privatiza-se, “a vida ilustrada acontecia da porta de casa para dentro – saraus, bailes, mocinhas casadoiras em exibição entre os pretendentes com posses. A rua tornou-se o lugar dos negros e pobres. (Kehl, 2018:45)

A pergunta que permanece após a leitura da obra *o Bovarismo Brasileiro* de Maria Rita Kehl é a seguinte: ser moderno no Brasil é conseguir se manter sempre ao lado dos vencedores, que ao longo da nossa história tem sido a pessoa que carrega um chicote pronto a castigar a classe trabalhadora? Portanto, é importante entender que comportamentos os manuais, revistas e *coachs* promovem e quais são reprovados para que se avance no processo de construção de uma autoimagem vitoriosa.

Manuais de civildade: a regulamentação formal de comportamentos e atitudes

Os chamados “manuais de civildade” se dedicavam à ciência da civilização, introduzindo os leitores nas especificidades que marcavam a nova forma de viver em sociedade. Esses textos possuíam uma estrutura original e dinâmica, privilegiando a leitura rápida e objetiva. “A consulta era fácil, e podia-se ir direto ao tema selecionado, sem precisar passar, obrigatoriamente pelos demais” (Schwartz, 1997: 11). A intenção desse tipo de documento era difundir o conhecimento das normas de boa conduta e, conduzir os indivíduos na trilha que levará a sociedade aos mais elevados estágios da civilização.

A primeira grande obra desse tipo a fazer sucesso, em língua portuguesa, foi o “Código do Bom-Tom, ou, regras de civildade e de bem viver no século XIX”, escrita por J. I. Roquete e, publicada em Portugal no ano de 1845.

O manual é escrito através das observações do que ocorriam nos setores mais refinados de Paris, com o intuito de que Portugal passe a fazer parte de um conjunto de nações civilizadas da Europa. Para isto descreve como uma espécie de um pai que repassa ensinamentos de comportamentos a seus (Silva Sampaio, 2013:298)

Nesse sentido, é fundamental reconhecer a importância dos manuais na difusão desses valores e comportamentos. Tais obras estimulam novas maneiras de ser e de como sociabilizar, relacionadas direta ou indiretamente às transformações políticas e sociais em

curso. Entretanto, Norbert Elias identifica a perda de relevância desse tipo de documento ao longo da consolidação da modernidade:

As boas sociedades entrelaçaram-se, todas elas, direta ou indiretamente, com a rede de ocupações profissionais e mesmo que uma orientação 'cortesã' nunca estivesse inteiramente ausente, esta, nem de longe exerceu mais a mesma influência. A partir desse momento, as profissões e o dinheiro passaram a ser as principais fontes de prestígio e a arte, o refinamento da conduta social, deixou de ter para a reputação e o sucesso do indivíduo a importância decisiva que possuía na sociedade de corte. (Elias, 1993:252)

Embora a "corte" em si tenha perdido parte de sua influência, as noções de moderação e a preocupação com a estetização do cotidiano se espalharam ao longo de século XX. Por exemplo, as diferenças comportamentais entre homens e mulheres. Os manuais também perderam capacidade de circunscrever corpos, mas sua tática de relacionar grandes questões acerca da representação social do "eu", às minúcias do cotidiano, seguiu presente em revistas e até na metodologia *coaching*.

Desse modo, há recomendações sobre mudança de pratos em jantares, sobre o tamanho das porções de carne à mesa. Há também uma constante contraposição entre civilização e barbárie, civilizado e primitivo. Nesse sentido, em nome da etiqueta e dos bons modos, era necessário anular tudo que lembrasse o estado de natureza, ou, a vida primitiva – tudo em nome da civilização.

Entretanto, refletir sobre os manuais não se resume a analisar a moda e os modos, a ascensão desse discurso está conectada com outras mudanças culturais e econômicas. Afinal, “com a maior alfabetização e o crescimento da indústria editorial torna-se popular uma série de guias cujo propósito final é estabelecer regras e modelos de sociabilidade” (Schwartz, 1997:11). Desse modo, tais manuais pretendiam dedicar-se à uma "ciência da civilização", introduzindo os leitores nas especificidades que marcavam a nova vida em sociedade. De acordo com Roquete:

Meu filho, te separo hoje de tua irmã par a te dar algumas advertências em particular. Bem quisera eu fazê-lo como até aqui, porém como nossos costumes, de acordo com a natureza, não prescrevam a vós os mesmos deveres pessoais, sou obrigado, para completar minhas instruções, a dirigir uma em particular a ti, assim

como o farei igualmente a Eugênia. (Roquete, 1997: 357)

Nesta curta passagem já se nota uma naturalização das diferenças de gênero. Existe uma performance adequada para os homens e outra para as mulheres. Dessa maneira, o autor precisa separar seus filhos para que possa ensinar a cada um de acordo com o papel que irá cumprir no espetáculo teatral que se tornou o espaço urbano. Nesse sentido, nota-se uma exclusão da mulher da cidade, interditando seu papel no espaço público e restringindo sua atuação aos espaços privados.

Analisando o Código do Bom-tom a partir de uma perspectiva foucaultiana, é possível observar outro mecanismo de exclusão que agia sobre os corpos e afetos femininos. Havia uma rejeição às mulheres que não seguiam os padrões morais pertinentes ao manual. Havia dois caminhos possíveis para as mulheres, tornavam-se moças de família ou seriam moças levianas.

Não te deixes, pois, iludir desses respeitos e acatamentos hipócritas que hás de encontrar na sociedade; não te deixes seduzir dessas finezas estudadas que muitas vezes ouvirás; supõe que tudo é fingimento, e que querem rir à tua custa. Empenha todo o teu amor-próprio em não seres nunca alvo de chistes e gracejos, e muito menos de riso e fábula da gente. (Roquete, 1997:382)

Dentro dessa perspectiva, podemos ressaltar a percepção de Robert Pechman acerca da existência de uma "política de aparência", posto que, essa ordem pública moderna possuía uma dimensão estética que afetava os indivíduos, sobretudo as mulheres. De acordo com Roquete, "não há objeto mais desagradável do que uma mulher desgrenhada ou mal penteada" (Roquete, 1997:380). Na cidade moderna, para a obtenção do reconhecimento não basta ser, é preciso parecer ser.

Modernidade em revista

Numa perspectiva histórica e social, esse tipo de documento ajudava a consolidar um determinado Way of Life, que fosse capaz de conformar os indivíduos dentro da "Ordem Urbana Moderna". Para realizar esse intento, o rádio, a televisão e o mercado editorial cumpriram um papel central. Destacando que em tais meios os enunciados normativos estavam articulados com peças publicitárias, que também exerciam um papel pedagógico.

Entretanto, por motivos de acesso a certos acervos no contexto da pandemia de Covid-19, a investigação se restringiu à Revista Claudia, mesmo assim dificuldades foram encontradas. Essa publicação mensal, iniciada em outubro 1961, com uma tiragem inicial de 150.000 exemplares trazia uma outra abordagem, apresentando-se como um guia para todas as horas.¹

Alguns artigos tratando da dissolução dos laços matrimoniais ganharam bastante destaque, causando polêmica e alavancando as vendas. Não se trata de uma revista com pretensões revolucionárias, mas de um periódico que tentou captar as demandas e expectativas de um público que experimentou profundas transformações objetivas e subjetivas.

O sucesso editorial era sustentado pela estratégia de atender a diversos segmentos do público feminino. Agregando às dicas de beleza, decoração e etiqueta, a crescente relevância das mulheres no espaço público brasileiro. Entretanto, o viés pedagógico não estava ausente. Nessa perspectiva, é possível observar que a ênfase da revista Claudia estava na preparação das mulheres para os novos modelos sociais, pretendendo estimular nas leitoras as seguintes preocupações: “o cuidado da casa e da família e a construção de sua beleza” (Oliveira, 2001:39).

Entre dicas de beleza e temáticas mais profundas, percebe-se em “Claudia” os indícios de uma abertura para que finalmente as mulheres pudessem finalmente afirmar sua personalidade no espaço público. Tal publicação pretendia ser o manual de civilidade dessa nova mulher. Dessa maneira, o grande triunfo dessa revista foi conseguir reafirmar o dever feminino de ser bela ao imaginário da mulher emancipada.

O excesso de investimento em si mesmo forja uma subjetividade reflexiva, que apresenta grande dificuldade de delimitar o que é pessoal e o que é social. Nesse sentido, a experiência individual sobrevalorizada leva os cidadãos a medirem a vida social de acordo com seus sentimentos pessoais.

A cidade dos indivíduos, por sua vez, adquire uma função limitada e peculiar: “permitir a movimentação; se elas constroem demais a movimentação, por meio de

¹ Revista Claudia, n.01, Ano I, São Paulo, outubro 1961

semáforos, contramãos, etc., os motoristas se zangam ou ficam nervosos”. (Sennet, 1987: 28) Nessa perspectiva, percebe-se uma clara inversão de sentido entre a ordem urbana moderna e a pós-moderna. Percebida a partir da comparação entre os Manuais de Civilidade e a Metodologia Coaching. Enquanto o primeiro tipo de documento pretende sujeitar o corpo do indivíduo às normas da ordem urbana vigente; o segundo se aproveita da falta de referências sólidas para ensinar os sujeitos a adequar as normas sociais às suas necessidades pessoais, consolidada no que se pode nomear como “projeto de vida”.

Coaching: técnicas de cuidado de si e a ética pós-moderna

O *Coach* originalmente era uma figura esportiva, o técnico que liderava uma equipe em busca da vitória. O significado da palavra não mudou, ampliou-se. Agora se trata de um profissional que se qualifica para orientar outros em seu processo de desenvolvimento pessoal e profissional. Atuam em diversas áreas, atendendo aos objetivos mais diversos – emagrecimento, colocação profissional, investimentos, espiritualidade, relacionamentos, negócios, vendas e, pasmem-se, *coach* de vida, que está definido abaixo:

É o *coaching* mais abrangente, que envolve aspectos variados da vida do ser humano. Ele é voltado ao desenvolvimento pessoal, auxiliando o *coachee* a superar obstáculos, vencer medos e a conquistar autoconfiança. Através dessa modalidade, o cliente define objetivos e metas, trabalha o autoconhecimento e aprende a usar ao máximo suas capacidades..²

Resumidamente, trata-se de uma profissão cujo ofício é auxiliar os indivíduos a produzirem a si mesmo, uma espécie de consultor para Bovarismos. Ofertando técnicas de cuidados de si explicitamente vinculadas a certo ideal de realização pessoal. Ajudando o contratante (ou *coachee*) a trilhar o caminho do sucesso, que aparentemente é apenas uma questão de atitude, sem qualquer relação com a dinâmica social ou cenário econômico. Dessa maneira, assim como a igreja, a escola ou mesmo os Manuais de Civilidade, os *Coachs* difundem enunciados e práticas que pretendem disciplinar os corpos e os tornar aptos ao sucesso.

Nessa perspectiva, é importante voltar a Foucault, dado que, com o progredir dos

² Disponível em: <https://febracis.com/tipos-de-coaching/>

séculos, foi-se construindo uma moral mais ampliada, que apresenta também relação com a verdade e com o que agora chamam de austeridade sexual. Entretanto, tal perspectiva não se apresenta com um estreitamento dos códigos e leis, mas como uma – intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito dos seus atos (Foucault, 1985: 47).

Essa intensificação da reflexividade transcende o termo individualismo. Posto que, a excessiva preocupação consigo não se sustenta apenas numa lógica de cuidado de si, também se baseia no desejo de projeção de uma autoimagem vitoriosa. Nesse sentido, de acordo com Richard Sennet: o eu de cada pessoa tornou-se seu próprio fardo, conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo. (Sennet, 1987:16). Tal postura que desvincula o individual do social revela também uma fragilização da política e da cidade, que perde força diante da intimidade e da sobrevalorização das pequenas narrativas pessoais.

O ser humano é definido nos diálogos com o ser a quem foi confiado o cuidado de si. (Foucault, 1985,:50) Nessa perspectiva, o *Coach* é quem vai ajudar seu cliente a se tornar uma versão mais qualificada de si mesmo. Essa carreira tem como premissa delimitar modos de ficcionalizar o sujeito dentro da lógica capitalista em voga. Regressando a Foucault, pode-se observar que o cuidado de si é – um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos por nós próprios como objeto de toda nossa aplicação. (Foucault, 1985: 53). Trata-se, portanto, de um princípio válido a todos os indivíduos.

De acordo com as orientações dos *Coaches* observadas em sites, documentos e vídeos divulgados pelas instituições “oficiais” de *Coaching*, nomeadamente o IBC (Instituto Brasileiro de *Coaching*), FEBRACIS (*Coaching* Integral e Sistêmico), SBC (Sociedade Brasileira de *Coaching*) e o *Career Center*. Pode-se perceber que a preocupação fundamental do processo de *coaching* é auxiliar seu cliente a chegar ao seu estágio desejado. Como se fosse uma terapia, os corpos doentes recebem um plano com ações e metas que se cumpridas transportarão o sujeito da sua zona de conforto onde jaz aprisionado até o seu lugar desejado. De acordo com o *Career Center*:

Os três passos desse programa são:

- Mapeamento do Perfil profissional
- Elaboração do próximo passo de carreira e preparação para abordagem de mercado
- Expansão da sua rede de relacionamento e busca de novas oportunidades.³

A metodologia do Coaching tem procedimentos padrões de acordo com as investigações realizadas. Sempre trazem técnicas de “Planejamento Estratégico” muito em voga no mundo empresarial, adaptadas ao indivíduo que se despersonaliza e se tornar um objeto de desejo, no lugar do cidadão entra o projeto. Desse modo, portando o conhecimento verdadeiro, aquele aprendido com o *Coach*, sucesso ou fracasso se tornam questões de atitude. Há a zona de conforto e o espaço desejado, cabe aos *Coachee* mudar seu *Mindset* ou se vitimizar e fracassar, de acordo com um dos maiores *Coachs* do Brasil, José Roberto Marques existem dois tipos do dito *mindset*:

Nosso *mindset* mostra o nosso modo otimista ou pessimista de enxergar diversas situações da vida e de como se portar diante delas. Após pesquisar durante muitas décadas, a especialista, que é referência no assunto, chegou à conclusão de que existem dois tipos de mentalidades distintas: a fixa e a progressiva.⁴

Dentro dessa perspectiva, pode-se perceber que os corpos que fracassam têm a mentalidade fixa, enquanto os que prosperam possuem o *mindset* progressivo. Ao contrário da primeira, as pessoas com esse tipo de pensamento acreditam que seus talentos e habilidades podem ser desenvolvidos, desde que elas sejam pacientes, focadas, esforçadas e dedicadas.⁵ Nesse sentido, ao contrário dos manuais de civilidade que ensinavam a moderação e o respeito aos limites socialmente estabelecidos. O trabalho de *coaching* trabalham para ajudar o indivíduo a superar seus limites, desvinculando-se de qualquer tipo de obrigação social e formas de sociabilidade, focando apenas em ser positivo e trabalhar no próprio progresso.

³ Disponível em: https://careercenter.com.br/empresas/executivos/?gclid=CjwKCAjw88v3BRBFiEiwApwLevdgAsGnUijoa14pEuyK_-SccaCcFUCbqyvN09x29D3I-2nkoXQFgzRoCi1MQAvD_BwE

⁴ Disponível em: <https://www.jrmcoaching.com.br/blog/o-que-e-mindset/>

⁵ Op. Cit.

Conclusão

Dentro da lógica apresentada, destaca-se a percepção de que a cidade pós-moderna é um espaço de rivalidades, no qual os indivíduos precisam estar aptos a conquistar o seu lugar. Não há um espaço vazio na linha de montagem esperando pelo garoto que frequenta regularmente a escola. Há apenas a certeza de que tudo depende da própria pessoa. Portanto, fracassar não é um fruto da desigualdade social, menos ainda do passado colonial e escravista, o fracasso é uma escolha dos corpos inadequados portadores de uma mentalidade fixa. Ou não.

Referências bibliográficas

Elias, Norbert (1993), *O Processo Civilizador: formação do Estado e da Civilização*. Vol.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Foucault, Michel (1985), *A história da sexualidade II, o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, Michel (1988), *A história da sexualidade I, a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Kehl, Maria Rita (2018), *O Bovarismo brasileiro: ensaios*. São Paulo: Boitempo.

Oliveira, Nucia Alexandra Silva de (2001), *As páginas da Beleza: As representações sobre a beleza feminina na imprensa (1960-1980)*. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: CFCH Departamento de História. Universidade Federal de Santa Catarina.

Preciado, Paul B. (2020), "Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias." In. *Sopa de wuhan ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio)*.

Pechman, Robert M (2002), *Cidades estreitamente vigiadas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Roquete, José Ignácio (1997), *Código do Bom-Tom, ou, regras de civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.

Schwartz, Lilian Moritz(org.) (1997), "Prefácio". In. *Código do Bom-Tom, ou, regras de civilidade e de bem viver no século XIX. J. I. Roquete*. São Paulo: Companhia das Letras.

Sennett, Richard (1987), *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras.

Silva Sampaio, Fernando (2013), "Código do Bom-Tom: comportamento, saúde e regras de etiqueta para mulheres no manual de José Inácio Roquette". *Vozes, pretérito e devir*, ano I, vol. I, num.2.